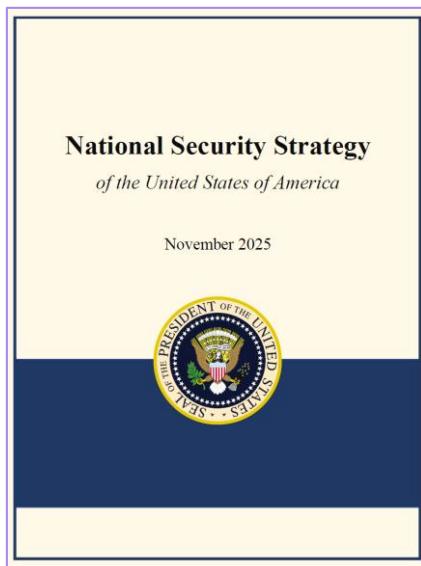


A Águia Ataca

"Os fortes fazem o que podem; os fracos sofrem o que devem."

Tucídides, Diálogo de Melos

Para muitos, o ataque americano à capital venezuelana, capturando o seu ditador Nicolás Maduro, em operação cinematográfica, foi uma surpresa. Para observadores mais atentos, não foi uma novidade. Em novembro de 2025, o governo americano publicou um documento de 53 páginas, onde deixa mais do que clara sua política de segurança nacional. Quem se espantou é porque não está fazendo o seu dever de casa.



Vamos analisar os dez principais pontos do texto, que tem mais de 50 páginas, e depois as implicações do novo ordenamento geopolítico para o Brasil e para os ativos.

1. O "Hague Commitment" (Choque de Demanda Bélica): O documento impõe um novo padrão para a OTAN: **5% do PIB em defesa, não mais os 2% teóricos**. Racional: Isso não é apenas retórica; é uma ordem de compra de trilhões de dólares para o complexo industrial-militar, **forçando a Europa a comprar equipamento americano ou desenvolver sua própria base industrial às pressas**.
2. O Fim da "Ideologia Net Zero" (Pivô Energético): O texto classifica as políticas climáticas atuais como "desastrosas" e prioriza a Dominação Energética via petróleo, gás, carvão e nuclear. Racional: O governo vai desregularmente agressivamente para **baixar o custo da energia**, visando tornar a manufatura americana competitiva novamente. O ESG vira um risco regulatório negativo.
3. Corolário Trump para a Doutrina Monroe (Controle Hemisférico): **Declaração explícita de que a América Latina é zona de exclusão para "competidores não-hemisféricos"** (leia-se China). Racional: Isso implica em pressão máxima para que países da região (incluindo o Brasil) expulsem investimentos chineses em infraestrutura crítica em troca de acesso ao mercado e crédito dos EUA.

4. A "Cúpula Dourada" (Golden Dome): O compromisso de construir um sistema de defesa antimísseis de próxima geração para o território americano. Racional: Este será provavelmente o maior projeto de infraestrutura tecnológica da década, exigindo semicondutores avançados, IA, aeroespacial e cibersegurança.
5. Reindustrialização como Segurança Nacional: O governo usará tarifas e subsídios para forçar o retorno de cadeias de produção (Reshoring), focando não só em defesa, mas em "capacidade de produção relacionada à defesa" (dual-use). Racional: O Estado vai escolher vencedores industriais. Empresas que fabricam nos EUA terão prêmio; importadores terão compressão de margem.
6. Fim da Era da Migração em Massa: O controle de fronteiras é elevado a "elemento primário da segurança nacional". Racional: Isso cria um choque de oferta de mão de obra. O custo do trabalho não qualificado nos EUA vai subir, forçando um investimento massivo em automação e robótica (Capex em tecnologia).
7. Realinhamento Comercial com a China: O objetivo não é mais integrar a China, mas "vencer o futuro econômico" e desacoplar em setores estratégicos. Racional: O documento fala em remover dependências de "adversários". Isso significa barreiras comerciais permanentes e proibição de capital americano de financiar tecnologias chinesas.
8. Proteção Radical da Propriedade Intelectual (PI): O texto enfatiza o combate ao roubo de PI como prioridade de inteligência. Racional: Empresas de tecnologia e biotecnologia americanas terão o "braço forte" do governo (sanções, inteligência) protegendo suas patentes globalmente.
9. Dólar e Finanças Digitais: Manutenção do dólar como reserva, mas com um aceno crucial para a inovação em "finanças digitais" (Cripto/DeFi) para manter a liderança. Racional: O governo parece disposto a criar um framework regulatório favorável para criptoativos, desde que alinhados ao sistema financeiro americano (stablecoins em dólar).
10. Competência e Mérito (Anti-DEI): Uma cruzada cultural contra iniciativas de Diversidade, Equidade e Inclusão (DEI) dentro do governo e contratadas. Racional: Empresas que dependem de contratos governamentais terão que reestruturar seus RHs. A aposta é que a meritocracia pura aumentará a eficiência operacional e tecnológica.

Implicações para o Brasil e para os investimentos

O atual governo optou claramente por abandonar a histórica neutralidade diplomática brasileira e focou o seu esforço geopolítico no eixo China, Rússia, Irã e Venezuela. Parte por interesse comercial (China, maior importadora do Brasil) e parte por alinhamento ideológico. Bem, isso agora não pode mais, US EUA deixaram claro que a América Latina não pode ser quintal para empresas chinesas e mesmo aparato militar (como é o caso da Venezuela). O Brasil terá que fazer uma mudança de rumo, o que pode ser até positivo, dado que a segunda maior reserva de terras raras é no Brasil e os Estados Unidos necessitam de um fornecedor confiável (hoje a maior produtora global é a China). E sem terras raras, não temos fabricação de processadores.

A mensagem é clara: **teremos um aumento brutal de investimentos militares.** Ontem mesmo Trump anunciou que aumentará o orçamento militar de 2027 de USD 1,0 trilhão para USD 1,5 trilhão. Isto, juntamente com a corrida pelos investimentos em AI e a reindustrialização americana, nos leva para um **superciclo de alta demanda por commodities**, em especial as ditas commodities industriais, aço, alumínio, cobre, níquel etc.

Os EUA abandonam o modelo de livre mercado e embarcam no modelo de capitalismo de Estado, com forte presença estatal nos investimentos e até mesmo no capital das empresas. O documento deixa claro o investimento em energias fósseis e também na energia nuclear, afinal, a demanda de AI é praticamente insaciável por energia.

Além disso, temos a política de fronteiras fechadas, restringindo a imigração. **Essa política, em conjunto com as outras, é inflacionária.** Entramos em um mundo onde a economia roda quente, os governos não têm apreço pelo equilíbrio fiscal, o dinheiro fiduciário não vale muito e há uma corrida por ativos reais e por commodities.

O dólar é usado como arma, o que provoca o fortalecimento de sistemas financeiros paralelos (China comprando ouro), porém com a adoção de *stablecoins* e o poderio militar, o dólar mostra sua força em sua zona de influência e nos mostra o verdadeiro lastro da moeda americana, o seu poder bélico.



Para o Brasil, que é um *pinscher* militar no meio da briga de dois *pitbulls*, não nos resta muita alternativa além de voltarmos para a velha e sábia neutralidade diplomática quando o assunto é comércio externo, e buscar parcerias estratégicas com os EUA. Afinal, acho que ninguém imagina a China atravessando o mundo para defender o Brasil dos EUA, certo?